



ZAMBEZI WATERCOURSE COMMISSION



ZAMBEZE

Vol 8 no 1 Janeiro-Junho 2013

AMBIENTE EM MUDANÇA na Bacia do Rio Zambeze

por Admire Ndhlovu

O **CLIMA** e a pressão humana sobre os recursos estão a alterar significativamente o ambiente na Bacia do rio Zambeze, como ilustra a nova publicação, Atlas do Ambiente em Mudança na Bacia do Rio Zambeze.

O Atlas utiliza imagens de satélite, fotografias de alta resolução, texto ilustrativo e gráficos para apresentar vários problemas na bacia do Zambeze, que abrange partes de oito Países - Angola, Botswana, Malawi, Moçambique, Namíbia, República Unida da Tanzânia, Zâmbia e Zimbábwe.

O Atlas apresenta a vasta gama de recursos hídricos e outros recursos naturais na bacia do Zambeze, e a sua importância bem como os aspectos socioeconómicos e culturais.

No entanto, as imagens de satélite mostram que a bacia sofreu grandes alterações ambientais nos últimos 20 anos. Essas alterações incluem a degradação do solo, perda de florestas, a expansão de áreas urbanas e mineração, bem como a propagação de espécies de plantas exóticas.

O Atlas do Ambiente em Mudança na Bacia do Rio Zambeze, o primeiro do género na bacia e na África Austral, é uma iniciativa de colaboração com o objectivo de fornecer evidências científicas sobre as mudanças que estão ocorrendo nos recursos naturais e no meio ambiente.

O atlas foi produzido para a Divisão de Águas da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), para o Secretariado Interino da Comissão da Bacia do Zambeze (ZAMCOM), e para as partes interessadas da Bacia do Rio Zambeze, pelo Centro de Documentação e Pesquisa para África Austral (SARDC), através do seu Instituto do Meio Ambiente, o Centro Musokotwane de Recursos Ambientais para a África Austral (IMERCSA) e GRID-Arendal, ambos centros colaboradores do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP).

O Atlas auxilia iniciativas da Conferência Ministerial Africana sobre o Meio Ambiente (AMCEN), tais como o Atlas do Nosso Ambiente em Transformação em África e Atlas Africano de Água.



continua na página 4



The Zambezi / O Zambeze é publicado duas vezes por ano pelo Centro de Documentação e Pesquisa para África Austral (SARDC) através do seu Instituto do Meio Ambiente, o Centro Musokotwane de Recursos Ambientais para a África Austral (IMERCSA), pelos parceiros nacionais em todos os estados da bacia, ZAMCOM e pela Divisão de água da SADC, com o apoio da GIZ, Ajuda da Austrália e do Reino Unido.

Este Boletim é publicado no âmbito do Projecto Perspectivas do Meio Ambiente do Zambeze, com o objectivo de informar as pessoas sobre o estado do ambiente na bacia do rio Zambeze e promover a boa gestão ambiental na região da SADC.

Equipa Editorial

Michael Mutale,
Leonissah Abwino Munjoma
Egline Tauya, Joseph Ngwawi,
Kizito Sikuka, Admire Ndhlovu,
Neto Nengomasha,
Danai Matowanyika, Phyllis Johnson,
Patience Ziramba, Nobuhle Sithole

Parceiros

Integrantes dos Comitês Nacionais de
Coordenação (NASCs)

Composição e Maquetização

Tonely Ngwenya, SARDC

Fotos e Ilustrações

p1 SARDC, N Greaves, APG,
L Munjoma, SARDC, Cordelia Persen,
UN-Habitat, T Ngwenya;
p3 T Ngwenya, SARDC, ZACPRO;
p4 A K Kaarsberg, Majority World,
M Mutasa, ZACPRO;
p5 Ara Zambeze, Oxfam;
p6 SARDC, Illustrative Options,
Selous Niassa Corridor, SA Tourism,
UNWTO; p7 T Ngwenya, SARDC

©ZAMCOM/SADC/SARDC

Aceitamos com agrado contribuições de indivíduos e organizações de dentro e de fora da Bacia do Rio Zambeze, em forma de artigos, notícias e comentários. O editor reserva-se o direito de escolher ou rejeitar os temas e editar em função do espaço disponível.

As cartas de correspondência para o editor e outros materiais podem ser enviados para:

The Zambezi / O Zambeze

imercsa@sardc.net

SARDC IMERCSA

15 Downie Avenue, Belgravia,

Caixa Postal 5690, Harare, Zimbabue

+2634 791141/3

www.sardc.net

Conhecimento para o Desenvolvimento

www.zambeze.commission.org

EDITORIAL

As mudanças climáticas, sendo um fenómeno grave e urgente, trazem consigo oportunidades para os Estados da Bacia do Zambeze promoverem esforços em prol de um desenvolvimento sustentável.

Juntamente com a variabilidade climática, as mudanças climáticas constituem um dos desafios mais complexos da Bacia do Zambeze, assim como para o resto da África Austral.

As mudanças têm sido observadas em cada época em toda a bacia e esta tendência tornou-se mais acentuada a partir dos anos 1980, com o aumento das temperaturas em pelo menos 0,5 graus na África Austral, de acordo com o Relatório de 2008 sobre a Situação do Meio Ambiente na África Austral.

As mudanças projectadas não constituem somente uma preocupação ambiental, mas graves implicações sociais e económicas.

Os impactos negativos incluem o aumento da escassez de água, perda de biodiversidade, degradação do solo, declínio na produção agrícola, surto de doenças ligadas às alterações climáticas, como a malária, e aumento da frequência e gravidade de cheias e secas.

Embora a quantidade de chuva possa vir a diminuir entre 10 e 15 por cento na bacia, de acordo com o Quarto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, quando elas ocorrerem serão mais intensas, provocando cheias mais severas, como ocorreu em muitas partes da bacia durante a presente época.

As comunidades da bacia têm longa história de adaptação e redução de sua vulnerabilidade aos impactos da variabilidade climática, como inundações e secas, utilizando sistemas de conhecimento indígenas.

Algumas comunidades na bacia estão intensificando esforços para reviver esses sistemas. A gama de estratégias para fazer face às alterações climáticas varia desde a utilização de variedades de sementes de ciclo curto e tolerantes à seca, controlo de inundações através da construção de represas, sistemas de aviso prévio utilizando métodos tradicionais e aproveitamento das águas pluviais, especialmente em áreas propensas a cheias e secas.

Incorporar sistemas de conhecimento indígenas nas políticas das mudanças climáticas pode conduzir ao desenvolvimento de estratégias de adaptação eficazes com custo-benefício participativo e sustentável.

Para os sistemas de aviso prévio, os agricultores idosos podem prever chuvas sazonais, observando eventos naturais e o comportamento de certas plantas e animais. Se há uma abundância de frutas em relação ao início da estação chuvosa, por exemplo, as pessoas sabem que a época chuvosa poderá enfrentar padrões de baixa pluviosidade. A comunidade, então, armazena frutos para o futuro consumo durante esse tempo em que será seco.

Quando os frutos amadurecem mais cedo do que o habitual, isto significa que a temporada vai experimentar um regime de boas chuvas. As pessoas, então, começam a preparar grandes campos e diferentes tipos de culturas que necessitam de muita chuva.

O reforço da capacidade indígena é fundamental para o empoderamento das comunidades locais e sua participação efectiva.

Estratégias indígenas precisam de ser integradas nas estratégias convencionais, uma vez que a taxa de variação aumentou.

A Gestão Integrada de Recursos Hídricos (GIRH) é uma forma de responder às mudanças climáticas e à variabilidade climática, incorporando estratégias indígenas e convencionais. Uma estratégia de GIRH foi desenvolvida para a Bacia do Rio Zambeze. A implementação desta estratégia para reduzir as mudanças climáticas e os impactos da variabilidade é crucial uma vez que a Bacia do Zambeze apresenta o que há de melhor na África Austral em termos de capital natural.

Os recursos naturais definem actividades económicas da bacia, tais como agricultura, silvicultura, mineração e turismo. Há, portanto, uma grande necessidade de sustentar e protegê-los para atender às necessidades das gerações actuais e futuras, bem como permitir a recomposição do ambiente natural.

The Zambezi / O Zambeze

Esta edição de Janeiro-Junho de 2013, e outras que se seguirão, foi produzida com base em edições anteriores concebidas no âmbito do Plano de Acção do Zambeze 6, fase 2 (ZACPRO 6.2). A nova série, que inicia a partir deste volume 8.1, e que deverá comportar outras três séries no âmbito deste projecto, continuará a destacar questões importantes que ocorrem na bacia, observando oportunidades e desafios para o meio ambiente e humanidade.



Progressos no Acordo ZAMCOM

HÁ PROGRESSOS notáveis na operacionalização do acordo sobre a Comissão da Bacia do Zambeze (ZAMCOM) assinado a 13 de Julho de 2004, em Kasane, Botswana.

Após a ratificação pela exigência mínima de maioria de dois terços, o acordo ZAMCOM entrou em vigor a 19 de Junho de 2011 e foi oficialmente declarado em Setembro de 2011.

Conforme estipulado no acordo sobre a ZAMCOM e a luz do Protocolo revisto da SADC sobre os Recursos Hídricos Partilhados de 2000, a ZAMCOM é uma organização criada pelos países que artilham a bacia do rio para servir como uma organização de gestão de água para toda a área geográfica.

Os Países envolvidos são Angola, Botswana, Malawi, Moçambique, Namíbia, República Unida da Tanzânia, Zâmbia e Zimbábwe.

Objectivo principal da ZAMCOM é ajudar os Estados ribeirinhos a conseguir uma cooperação e integração regional através da partilha de benefícios estimados a partir do desenvolvimento dos recursos hídricos e gestão cooperativa na Bacia do Rio Zambeze.

É reconhecido que essa cooperação pode trazer para a paz e prosperidade para a bacia e para a África Austral como um todo.

A ZAMCOM é regida por três órgãos principais que são o Conselho de Ministros, que é o braço de tomada de decisão, o Comité Técnico ZAMCOM (ZAMTEC), que é um órgão de assessoria técnica, e a Secretaria ZAMCOM (ZAMSEC), que é responsável pela gestão global, apoiada por uma Unidade de Implementação do Projecto por um lado, e por grupos de trabalho, por outro.

O processo da ZAMCOM está sendo gerido pelo Secretariado Interino da ZAMCOM (IZS), constituído pelo Governo do Botswana, em Gaborone.

O encontro histórico que formalizou a ZAMTEC decorreu a 01 de Novembro de 2012 em Gaborone, em Botswana.

Falando na reunião, o Secretário Executivo da Secretaria Interina da ZAMCOM, Michael Mutale, disse: "É histórico na medida em que levou décadas para chegar a este marco. Não é necessariamente que houvesse falta de vontade para se chegar aqui, mas por causa de uma série de factores inerentes ao processo do Rio Zambeze.

"A Bacia do Rio Zambeze é partilhada por muitos países, oito, e todos os esforços para trazer a cooperação num recurso partilhado tem que levar em conta os vários interesses de todos esses países. Estes países já formalizaram um dos três importantes órgãos da ZAMCOM."

Com a formalização da ZAMTEC significa que os órgãos da ZAMCOM estão sendo progressivamente postos em prática, enquanto os processos de formalização do Conselho de Ministros e que institui a ZAMSEC está numa fase avançada.

O processo de licitação para hospedar a Secretaria permanente da ZAMCOM já começou e o Conselho de Ministros vai decidir sobre a localização da sede permanente da ZAMCOM no decurso do ano de 2013.



Michael Mutale, Secretário Executivo da ZAMCOM

Em todos estes processos um componente chave para o sucesso da ZAMCOM são consultas às partes interessadas e participação com o espírito de inclusão, conforme estipulado no Tratado da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC).

Paralelamente ao processo de cooperação regional, decorrem consultas entre os Países para o estabelecimento de Comitês Nacionais de Coordenação (NASCs) em cada um dos oito Estados ribeirinhos.

Os NASCs poderão servir como uma plataforma através da qual o consenso nacional pode ser alcançado no desenvolvimento e gestão de recursos hídricos.

A ZAMCOM atribui especial atenção a participação activa das partes interessadas em todos os seus actos, promovendo assim o espírito de propriedade e comprometimento entre as partes interessadas.

Quatro dos oito países da bacia já conseguiram lançar seus NASCs. Trata-se do Malawi, Moçambique, Tanzânia e Zimbábwe.

Os outros quatro estão em estágios avançados de formalizar os seus NASCs.

Algumas das responsabilidades esperadas dos NASCs incluem o fornecimento de conteúdo nacional no processo de decisão da ZAMCOM e disseminação de ideias, actividades e resultados da Secretaria da ZAMCOM para instituições interessadas e grupos de interesse nos respectivos Países.

Os NASCs serão elos vitais entre a Secretaria da ZAMCOM e a bacia nacional no tocante a cooperação e coordenação.

Os NASCs deverão assumir o papel representação em fóruns regionais da ZAMCOM, incluindo a Comissão de Coordenação de todas as partes interessadas da bacia (BASC) que está a ser criada depois que a maioria dos Estados tiver os NASCs operacionais.

A Secretaria interina da ZAMCOM também facilitou o estabelecimento da Parceria de Cooperação Internacional para o Zambeze (ZICP).

A parceria é um esforço conjunto entre a Secretaria da ZAMCOM, que fornece a liderança, e grupo de Parceiros de Cooperação Internacional (ICP), que actua em nome dos parceiros no apoio a gestão da bacia hidrográfica do Zambeze.

O papel principal da parceria é reforçar a coordenação, reduzindo assim os custos de transacção por destinatários e ICPs, e melhorar a qualidade e da coerência do diálogo e apoio em actividades da ZAMCOM. □



AMBIENTE EM MUDANÇA na Bacia do Rio Zambeze

continuação da página 1 ...

O Atlas do Ambiente em Mudança na Bacia do Rio Zambeze identifica as Mudanças Climáticas e o crescimento da população como os principais motores da mudança ambiental.

De acordo com o Atlas, a população da bacia em 1998 era de 31,7 milhões, comparado a uma estimativa de 40 milhões em 2008, entre as quais figuram 7,5 milhões de pessoas que vivem em centros urbanos.

A maioria dos Países da bacia está urbanizar-se rapidamente, colocando uma enorme pressão sobre os recursos finitos.

O Atlas mostra o desmatamento de grandes áreas circundantes de Lilongwe, no Malawi, entre outros, devido à alta demanda de lenha e terra para a agricultura por parte da população em crescimento.

O Atlas mostra a mineração como uma importante actividade económica na bacia e imagens de satélite revelam surpreendentes mudanças de uso da terra, como resultado das actividades de mineração, nomeadamente na Zâmbia.

O renascimento da mineração de cobre no Kanshanshi e Lumwana e minas em Solwezi, no noroeste da Zâmbia, levaram a um afluxo de população, resultando numa rápida expansão desordenada da cidade. Como resultado, as áreas de florestais ao redor da cidade foram desmatadas para a agricultura peri-urbana.

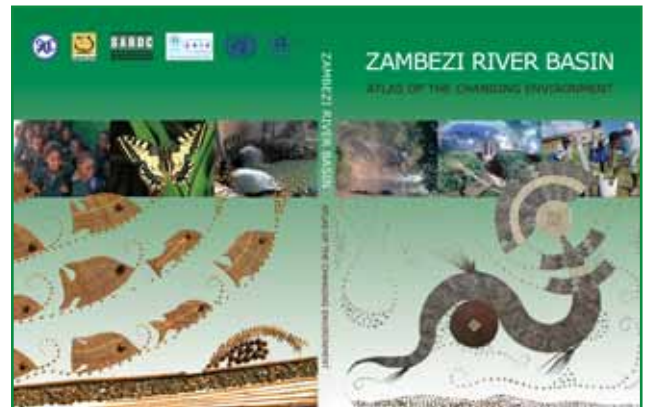
Sub-bacias como a do rio Luangwa, Lago Kariba e os rios Kafue e Kabompo apresentam grandes concentrações de operações de mineração, contribuindo para a poluição da água do rio Zambeze. Além disso, as sub-bacias altamente urbanizadas como Kafue e Manyame estão descarregando resíduos no sistema do rio Zambeze.

O Atlas mostra que as actividades industriais que produzem quantidades significativas de resíduos são motivo de preocupação. Cerca de 1.400 toneladas de lixo são produzidas diariamente na capital zambiana, Lusaka, sendo apenas recolhidos pelo município 10 por cento.

O Atlas mostra que o Zimbabwe, Zâmbia e Malawi detêm, em conjunto, 86 por cento dos cerca de 5,2 milhões de hectares da área de terra que é cultivada anualmente na bacia e que o uso de fertilizantes e agro-tóxicos estão contribuindo para o crescimento de plantas aquáticas nocivas nos cursos de água.

Um fenómeno incomum é visto no rio Savute, no Botsuana, que era normalmente seco por longos períodos, mas agora está fluindo, enquanto o Lago Liambezi na região de Caprivi, na Namíbia, que quase desapareceu entre 1985 e 2000, também começou a encher.

Apesar do crescimento jacinto de água ser um problema em toda a bacia, as áreas que são particularmente afectadas são Kafue, na



Zâmbia, baixo Chire, no Malawi, Lago Kariba entre a Zâmbia e o Zimbabwe, e Lago Chivero, no Zimbabwe, onde o Atlas fornece imagens de satélite de uma batalha de 25 anos contra a ano erva invasora.

Apesar da abundância de recursos da fauna da bacia, o Atlas mostra que existem pressões que ameaçam a existência de espécies animais.

Espécies que se extinguíram na bacia nos últimos anos incluem o Gnu azul, no Malawi, a mosca de Tsé-tsé, em Moçambique, e o Kob, na Tanzânia.

O Atlas também destaca várias iniciativas transfronteiriças em vários sectores, que incluem alguns virados para a vida selvagem, transportes, água e energia.

Por exemplo, a bacia possui o segundo lago mais profundo de África (terceiro mais profundo do mundo), que tem nomes diferentes em Malawi, Moçambique e Tanzânia - Lago Malawi / Niassa / Nyasa / - e dois enormes lagos artificiais criados pela construção de grandes barragens hidroeléctricas de Cahora Bassa, em Moçambique, e de Kariba, gerida pela Zâmbia e Zimbabwe. Essas duas barragens fornecer a maior parte da energia hídrica da bacia, junto com a barragem Kafue Gorge, na Zâmbia.

Seis grandes Áreas de Conservação Transfronteiriça (TFCA) foram estabelecidas em várias partes da bacia (veja na página 6) para coordenar a gestão dos animais selvagens e outros recursos, incluindo a TFCA Kavango-Zambeze (KAZA), que abrange 287.000 quilómetros quadrados ao longo de cinco Países (Angola, Botswana, Namíbia, Zimbabwe e Zâmbia) que é a maior TFCA no mundo.

O Atlas conclui um capítulo descrevendo os vários arranjos institucionais e estruturas políticas postas em prática para enfrentar os desafios no rio Zambeze.

Estes incluem o Protocolo revisto da SADC sobre Recursos Hídricos Partilhados, o Plano Estratégico de Acção Regional de Desenvolvimento Integrado e Gestão de Recursos Hídricos 2011-2015 (RSAP III), a Estratégia da SADC para o sector da água e Adaptação às Mudanças Climáticas; Acordo da Comissão dos Recursos Hídricos do Zambeze e a Estratégia de Gestão Integrada de Água da ZAMCOM. □



Mudanças Climáticas

Será que a Bacia do Zambeze está preparada para o aumento de cheias?

por Eglina Tauya e Matowanyika Danai

A **BACIA** do Rio Zambeze afirma ter reforçado a sua capacidade de lidar com as cheias e isso foi visível com base num melhor planeamento e maior cooperação interna durante as cheias registadas na época chuvosa 2012/2013.

No entanto, isto é apenas um começo e o nível de preparação para mitigar o impacto das cheias na bacia ainda precisa de ser consolidado.

As cheias sempre estiveram presentes em partes da bacia e estão incorporadas na cultura local através de acções baseadas no uso de sistemas de conhecimento indígenas, do que registos escritos, que continuam preservados (ver caixa).

A magnitude das cheias está a aumentar para além da experiência passada, devido às alterações climáticas e ao crescente impacto humano sobre os sistemas de apoio natural na bacia.

As cheias já se tornaram um evento anual em partes da bacia do Zambeze onde anteriormente ocorriam apenas ocasionalmente ou não em todos. Isso está causando a perda de vidas de pessoas e animais, culturas e milhões de dólares de propriedade, bem como surtos e transmissão de doenças.

Áreas inundáveis, que são principalmente afectadas incluem a província da Zambézia, em Moçambique, a zona do baixo Chire, no Malawi, faixa do Caprivi, na Namíbia, Distritos de Kazungula e Kafue, na Zâmbia, e no distrito de Muzarabani, no Zimbabwe.

A Agência de Notícias Moçambique (AIM) numa notícia publicada em Março, informou que em Fevereiro de 2013, o número total de mortos causados pelas cheias em Moçambique, durante a presente época chuvosa, superou 100 e em todo o País cerca de 210 mil pessoas foram directamente afectadas pelas tempestades e cheias, com aproximadamente 150 mil pessoas ainda a viverem em Centros temporários de Acomodação.

A partir de 18 de Fevereiro pelo menos seis aldeias em Nante, no distrito da Maganja da Costa, província da Zambézia, foram isoladas por inundações causadas pelo rompimento de um dique num sistema de irrigação local.

Em Caprivi, Namíbia, os Serviços Hídricos registaram um aumento no nível do rio Zambeze, que atingiu o mais elevado nível desde 1980.

Desde meados de Dezembro de 2012, o Malawi foi afectado por fortes chuvas e tempestades em várias partes do País.

Isto causou inundações, que deslocaram mais de 33 mil pessoas até meados de Fevereiro de 2013, deixando muitos sem abrigo ou roupa, e pelo menos quatro mortes no sul do Malawi,



de acordo com o Departamento de Assuntos de Gestão de Desastres.

Mais de 20 escolas foram interrompidas, afectando milhares de crianças, e destruição da infra-estrutura, incluindo estradas e casas. Os bairros mais afectados foram Mangochi, Phalombe, Nsanje e Zomba.

Embora as chuvas nesta época tem sido descritas como não sendo extremas na área, 18 famílias tiveram de ser transferidas para zonas altas na região de Caprivi.

Na Zâmbia, a situação não tem sido intensa em comparação com outras partes da bacia, como Moçambique e Malawi.

A Unidade de Gestão e Mitigação de Desastres (DMMU) informou que quatro distritos (Kalabo, Mazabuka, Chikankanta, e Kafue) sofreram inundações, como resultado de fortes chuvas, mas com poucos danos.

As chuvas têm causado aumento dos níveis de água no alto e médio Zambeze. A situação está a ser gerida localmente pela DMMU.

Quanto ao Zimbabwe, chuvas fortes registadas ao longo da presente época chuvosa destruíram casas e escolas em algumas áreas periféricas, além de causar grandes danos à infra-estruturas com estradas e pontes em várias partes da bacia do Zambeze, embora os maiores danos tenham se registado fora da bacia, na área de Limpopo.

A Polícia da República do Zimbabwe informou que pelo menos 86 pessoas morreram afogadas em todo o país durante a época chuvosa 2012/2013 embora este valor inclui áreas fora da bacia.

Estratégias de gestão de desastres estão sendo empregadas na bacia para reduzir o impacto das cheias, e as estruturas governamentais competentes estão trabalhando em conjunto com as agências de socorro. A maioria dos Estados da Bacia estabeleceu entidades de gestão de desastres com recursos de gestão de desastres criados.

No Malawi, por exemplo, a Comissão de Desenvolvimento Católica está trabalhando com líderes baseados na comunidade na implementação de um sistema de prevenção e resposta às cheias.

O sistema de alerta inclui o uso de conhecimento tradicional e sensibilização através da educação cívica. Por exemplo, o aparecimento de grandes populações de formigas indica a ocorrência de inundações numa determinada aldeia.

Moçambique aprendeu com experiências anteriores e na presente época esteve muito bem preparado com o governo a alocar 4 milhões de dólares norte-americanos para as operações de socorro, de acordo com a AIM. Isto inclui o fornecimento de kits de alimentos e de emergência às vítimas, reparação de infra-estruturas danificadas e prevenção de surtos de doenças, bem como parcerias com várias organizações humanitárias no terreno. □

Kuomboka



O Kuomboka é uma cerimónia tradicional anual celebrada no final de Março ou início de Abril pelo povo Lozi da província ocidental da Zâmbia. A cerimónia assinala o movimento sazonal do Chefe Supremo, o Litunga, das planícies de inundação para as terras mais altas. Portanto, o nome Kuomboka significa "sair da água". As datas para 2013 são entre 30 de Março e 11 de Abril.



Estados do Zambeze acolhem Assembleia da OMT

por Neto Nengomasha

PELA PRIMEIRA vez a Bacia do Zambeze vai acolher um grande evento de turismo global, considerado como um marco histórico, não só para os Estados do Zambeze, mas para o resto da África Austral.



Presidente R.G. Mugabe



Presidente M. Sata

A 20ª Sessão da Assembleia Geral da Organização Mundial do Turismo (OMT), um organismo das Nações Unidas, está agendada para 24-29 Agosto deste ano e será organizada conjuntamente pela Zâmbia e Zimbabwe em Victoria Falls / Mosi oa Tunya.

A assembleia-geral é realizada a cada dois anos, alternando o local entre os estados membros, e esta será a primeira vez que vai decorrer na África Austral.

De acordo com a publicação SADC Hoje Outubro 2012, edição N°6, mais de 2.000 delegados são esperados para participar na assembleia que conta com 180 Países membros.

A realização da cimeira vai elevar o perfil da Bacia do Rio Zambeze e de todos os Estados da bacia, e o evento tem potencial para estimular o crescimento económico e a cooperação regional na África Austral.

Espera-se que o fluxo de moeda estrangeira possa melhorar em resultado do aumento de entrada de turistas e do marketing eficaz da rica diversidade cultural da região e dos seus peculiares produtos culturais.

O desafio é usar este evento para promover chegadas turísticas com bases sustentáveis, não só para esta ocasião.

Oficiais de turismo alertaram que não se deve contar com as rápidas chegadas, mas estabelecer-se uma base forte para competir com sucesso no mercado global de turismo, através da oferta de património e outras actividades especializadas para que os turistas que são atraídos para visitar Victoria Falls tenham uma experiência Africana mais holística.

Os delegados terão a oportunidade de explorar outras atracções turísticas, tais como as Áreas de Conservação transfronteiriça de Kavango-Zambeze onde grandes populações de elefantes passeiam por cinco Países.

Algumas áreas que possam ser visitados devido a sua proximidade com o local das conferências são Kasane, no Botswana, e a região de Caprivi, na Namíbia.

Kasane possui das magníficas fontes de Águas Térmicas e os turistas também podem desfrutar de visualização de aves, num cenário bonito e tranquilo.

A região de Caprivi, na Namíbia com a sua pura várzea, mata ciliar e fauna local e migrante abundante é um lugar especial para visitar.

O Zimbabwe e a Zâmbia vão tirar vantagens com o desenvolvimento e reabilitação de infra-estrutura em preparação para o grande evento.

Estão em curso grandes obras de construção e renovação de um centro de convenções e estruturas auxiliares para as sessões temáticas de turismo, incluindo hotéis, pousadas, um casino, museus, um centro comercial e aeroportos, como os aeroportos de Victoria Falls e Mqabuko Joshua Nkomo em Bulawayo, Zimbabwe.

Em Livingstone, um mercado moderno no centro da cidade e um terminal internacional de autocarros estão sendo construídos, enquanto 40 quilómetros de vias urbanas seleccionadas na área de Livingstone estão a ser reabilitadas.

O Ministro do Turismo e Hotelaria no Zimbabwe, Walter Mzembi disse que os dois Países estão a trabalhar juntos, fazendo os arranjos com "um bom fluxo de operações no planeamento visando acolher a conferência". □

Os ricos recursos naturais da Bacia do Zambeze

A BACIA do Rio Zambeze é uma das regiões mais ricas em África em termos de capital natural.

A bacia tem áreas húmidas, sistemas aquáticos, matas ciliares, florestas de montanha, florestas secas e ecossistemas cerrados que suportam uma abundante vida selvagem e uma grande diversidade de árvores e plantas.

Tem atracções magníficas que têm o potencial para atrair um grande número de visitantes para a região a cada ano.

As cataratas Victoria Falls são conhecidas como uma das maiores e mais cascatas espectaculares do mundo, localizada no rio Zambeze, na fronteira entre a Zâmbia e o Zimbabwe, com o seu acesso feito através de Livingstone, Zâmbia, ou Victoria Falls, Zimbabwe.

O rio Zambeze tem grandes desfiladeiros que incluem Batoka, Kariba, Mupata e Lupata, e dois lagos artificiais resultantes das barragens hidroeléctricas em Kariba, compartilhado por Zâmbia e Zimbabwe, e de Cahora Bassa, em Moçambique, que alimentam a rede eléctrica regional.

A bacia do rio tem várias Áreas de Conservação Transfronteiriça (TFCA) incorporando alguns dos melhores parques nacionais da África e áreas do safari.

As principais TFCAs na bacia incluem a recém-lançada TFCA Kavango-Zambeze que abrange cinco países - Angola, Botswana, Namíbia, Zâmbia e Zimbabwe. Esta área de conservação é a maior do mundo.

As outras TFCAs desenvolvidas incluem as áreas que cobrem ZIMOZA, no Zimbabwe, Moçambique e Zâmbia; as escarpas do Niassa cobrindo Moçambique e a República Unida da Tanzânia, as pântanos Mana do baixo Zambeze - entre a Zâmbia e o Zimbabwe, e as planícies Liuwa-Kameia que inclui áreas em Angola e Zâmbia.

A Bacia do Rio Zambeze oferece oportunidades para a visualização de caça e de aves, saltos a corda, passeios de canoa e cruzeiros fluviais, observação da vida selvagem, pesca e passeios de barco, entre outras actividades, assim como belas paisagens marcantes e por do sol, paisagens selvagens e muitos recursos naturais que são de valor excepcional. □





Inicia Projecto sobre o Estado do Ambiente na Bacia do Zambeze

por Eglina Tauya

PERANTE UM ambiente de rápida mudança, os estados da Bacia do Rio Zambeze estão tomando medidas para promover a gestão e o uso sustentável dos recursos naturais através de um novo projecto de pesquisa que apresenta a situação de toda a bacia.

O Projecto sobre o Estado do Ambiente na Bacia do Zambeze é uma resposta directa à necessidade de manter as tendências e as perspectivas do meio ambiente numa situação de revisão constante.

A actividade humana, como o desmatamento, bem como o impacto da variabilidade e alterações climáticas, trouxeram mudanças drásticas para o meio ambiente no rio Zambeze na última década, com impacto no desenvolvimento socioeconómico.

A bacia do Zambeze é uma das áreas mais atingidas pela variabilidade e mudanças climáticas. De acordo com o o Quarto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas, as temperaturas na bacia e no resto da África Austral aumentaram em 0,5 graus Célsius no século passado com a década de 1990 sendo considerada a mais quente e seca.

O Projecto sobre o Estado do Ambiente na Bacia do Zambeze tem como objectivo esclarecer essas questões para que os responsáveis pela tomada de decisão e o público adotem medidas positivas no tratamento da mudança ambiental.

A pesquisa e recolha de dados em toda a bacia vão ser usadas para produzir um relatório sobre a Situação do Meio Ambiente do Zambeze, actualizando o muito respeitado livro Estado do Meio Ambiente da Bacia do Zambeze 2000.

A comunicação com as partes interessadas da bacia através de iniciativas como este Boletim produzido em Inglês e Português, O Zambeze, é parte integrante do projecto que vai decorrer ao longo de três anos até 2015.

O boletim O Zambeze, produzido duas vezes por ano, contará com as principais questões ambientais na bacia, enquanto um relatório sobre a situação de cheias integradas e mapeamento da seca vai fortalecer os esforços para lidar com os impactos das mudanças climáticas, através do aumento do acesso à informação do risco de desastres.

A Estratégia de Gestão Integrada de Recursos Hídricos do Zambeze (ZAMSTRAT) de 2008 observa que, apesar do crescimento económico alcançados ao longo dos últimos 10 anos, da água abundante e outros recursos naturais, a pobreza na bacia continua a ser um grande desafio.

As principais questões identificadas pela estratégia incluem o acesso limitado ao abastecimento de água e saneamento, inadequadas infra-estruturas de água para alcançar a segurança energética regional, infra-estruturas

insuficientes para o desenvolvimento agrícola para atingir a segurança alimentar regional e financiamento inadequado para o desenvolvimento e gestão de recursos hídricos.

Questões de género e juventude vão ser integradas nos resultados do projecto, uma vez que os homens e mulheres são afectados de forma diferente pelas mudanças no ambiente.

As mulheres são tradicionalmente as principais usuárias de água e outras fontes ambientais de consumo doméstico e na agricultura de subsistência, saúde e saneamento.

Portanto, a falta de acesso a água, saneamento e recursos hídricos, tais como zonas húmidas, afecta directamente a saúde das mulheres e suas famílias, causando impacto no rendimento, educação e capacitação.

Os impactos ecológicos e económicos das cheias recorrentes e secas na bacia do Zambeze devem ser melhor compreendidos, bem como o impacto sobre o meio ambiente e sobre a sociedade, no contexto da vulnerabilidade humana e redução de risco de desastres.

Isso vai ser analisado em relação aos resultados do impacto sobre de várias iniciativas, actividades e objectivos do Zambeze.

Como parte da sua estratégia e metodologia, o projecto vai procurar estabelecer ligações com projectos em curso na bacia e na região.

A análise será realizada com base em avaliações de vulnerabilidade nas iniciativas em curso na Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC).

O Projecto sobre o Estado do Ambiente na Bacia do Zambeze é uma nova iniciativa da Comissão da Bacia do Zambeze (ZAMCOM) e da Divisão de Águas da SADC, e visa fortalecer o acesso ao conhecimento ambiental para promover

a gestão dos recursos naturais nacionais e transfronteiriças na Bacia do Zambeze.

O projecto é implementado pelo Instituto do Meio Ambiente do Centro de Documentação e Pesquisa para África Austral (SARDC), o Centro Musokotwane de Recursos Ambientais para a África Austral (IMERCSA) – com o apoio da Agência de Cooperação Técnica Internacional da Alemanha (GIZ), da Ajuda da Austrália e do Reino Unido.

Um Comité Gestor composto por representantes do governo dos oito estados da bacia do Zambeze será estabelecido para fornecer orientações para o projecto.

A Secretária da ZAMCOM, Divisão de Água da SADC, SARDC e GIZ efectuarão a coordenação global e gestão do projecto, através

de um Comité de Coordenação presidido pela ZAMCOM.

Um Comité Técnico, composto por representantes dos Comités Nacionais de Coordenação (NASCs) e colaboradores permanentes do SARDC IMERCSA de Centros Nacionais prestarão orientação especializada para o processo.

As primeiras reuniões das comissões de coordenação e técnica foram realizadas em Harare, Zimbabwe, em Fevereiro, enquanto o Comité Gestor vai se reunir em Abril. □

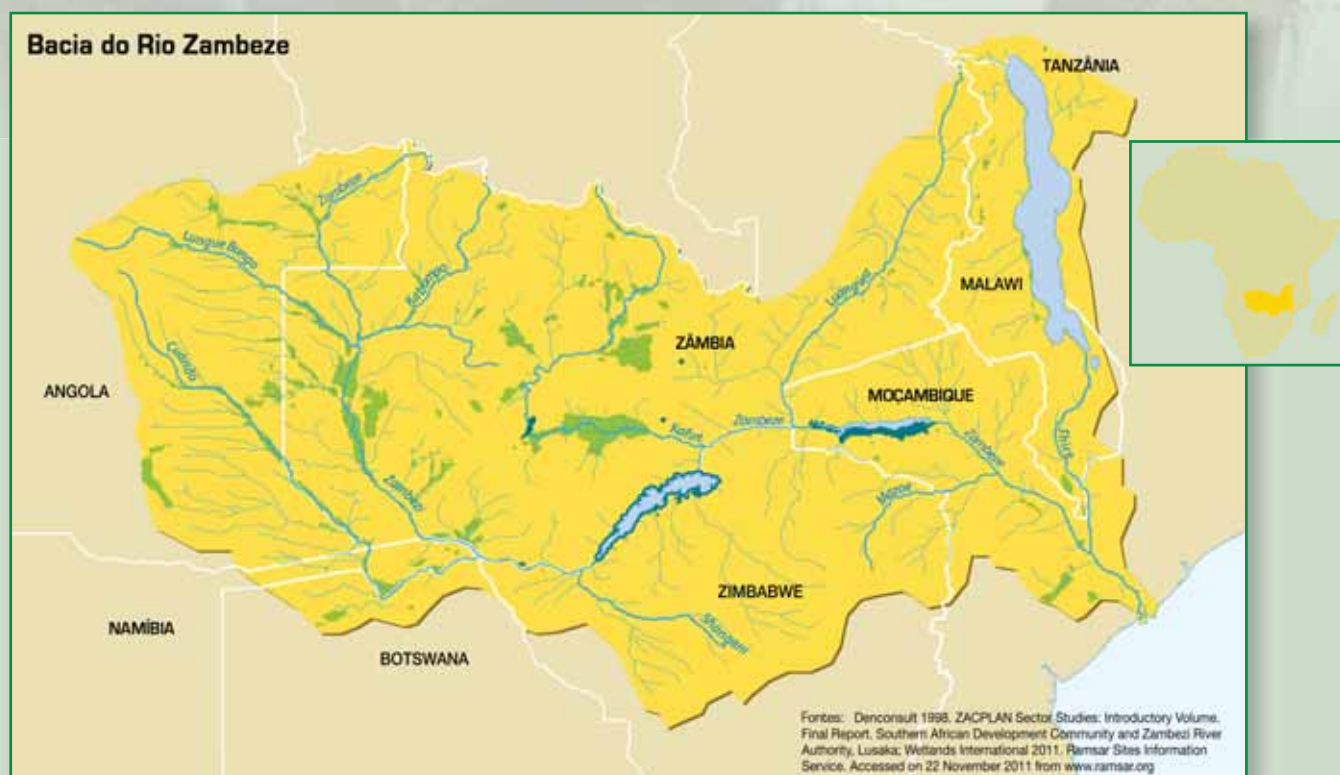


O Rio Zambeze

- É o maior rio da África Austral e quarto maior de África depois do Nilo, do Congo e do Níger.
- Nasce no Planalto Central Africano, nas montanhas Kalene, no noroeste da Zâmbia e percorre 3.000 km até o seu delta em Moçambique, no Oceano Índico.
- Drena uma área de quase 1,4 milhões de quilómetros quadrados, que se estende por Angola, Botswana, Malawi, Moçambique, Namíbia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe.
- Detém Victoria Falls, popularmente identificada como uma das sete maravilhas naturais do mundo, bem como as barragens hidroeléctricas de Kariba e Cahora Bassa e seus lagos.

A Bacia do Zambeze

- É a maior bacia hidrográfica e a mais partilhada dentro da África Austral.
- Cobre cerca de 25 por cento da área total geográfica dos oito Estados ribeirinhos.
- Possui mais de 40 milhões de pessoas, projectadas para chegar a 51 milhões em 2025.
- Tem muitos grupos étnicos e culturas diferentes com uma história de orgulho que remonta há milhares de anos.
- Alberga áreas urbanas como Luena, em Angola, Kasane, no Botswana, Tete, em Moçambique, Mulilo Katima, na Namíbia e na Tanzânia, Mbeya, quase todos os centros urbanos na Zâmbia, incluindo a capital, Lusaka, todas as áreas urbanas no Malawi e no Zimbabwe, incluindo Harare.
- Abarca o Lago Malawi / Niassa / Nyasa que cobre 28.000 km² e é o terceiro maior lago de água doce da África depois dos Lagos Vitória e Tanganica, e o terceiro mais profundo no mundo.



ZAMBEZI WATERCOURSE COMMISSION



Apoiado por



Implementado por

